

em debate

Blockbusters são filmes voltados para o grande público. Vitais para uma indústria, os filmes de grande bilheteria movem massas de espectadores, contabilizam lucros e entram nos corações e mentes de crianças, jovens e adultos, dando dor de cabeça para quem pensa cinema.

Os *blockbusters* brasileiros enfrentam dois desafios, que entram em debate neste número da *Sinopse*. De um lado, a conquista do espaço devido no mercado (por ora, não alcançada); e de outro (na esfera cultural), o perigo de imitar a utopia *teenager* da televisão, materializada em *Xuxa Requebra*.

Os *blockbusters* brasileiros (*Castelo Rá-tim-bum*, *Xuxa Requebra*, *O Trapalhão e a Luz Azul*) ressurgem para alimentar o sonho de que a produção brasileira possa vir um dia a depender menos do Estado. O cinema argentino, por exemplo, conseguiu emplacar um filme infanto-juvenil no topo das bilheterias da Argentina (informações da revista *El Amante* na pág. 26).



No entanto, a Argentina ainda tem um órgão regulador no modelo Embrafilme. Quando bem sucedidos, os *blockbusters* pagam a si mesmos e viabilizam filmes voltados para outros públicos (leia a voz dos produtores na pág. 10). Mas a utopia não se confunde com a realidade, e os mais apressados não podem (ou não poderiam) esquecer que existe um paradoxo inerente à expressão. Sendo os *blockbusters* pilares da indústria cinematográfica, não poderiam existir *blockbusters* num país sem indústria, por uma questão de lógica. Afinal, ninguém irá negar que gêneros e o modo de produção industrial permanecem tão distantes quanto há oito anos, início da retomada de produção. Prova maior é o destino de *Castelo Rá-tim-bum* nos cinemas. Orçado em 7 milhões de reais, patrocinados pelo Estado via isenção fiscal, o filme é um marco qualitativo na produção nacional, realizado com todas as virtudes de um filme infantil destinado ao sucesso e que poderia se pagar e lucrar. Lançado no mercado sem força, sujeito às pressões de outros *blockbusters*, encontra filmes de menor qualidade como *Pokémon* mas amparados por um *marketing* feroz e um mercado regulado pelo monopólio estrangeiro. O velho obituário se refaz sob bases novas, e *Rá-tim-bum* não passa batido.

Como discussão sobre qualidade quase sempre se torna “discussão de censura” nos grandes jornais, busquemos aqui outro caminho. Discutir qualidade não deveria ser apenas preocupação de secretárias de plantão e comadres de Brasília, mas assunto de todos os cineastas interessados no público infanto-juvenil, focando o debate nos gêneros que atendem a esse público e investindo em pesquisa.

No entanto, se futuro é matéria de discussão, é também de invenção. Alcançadas as bases políticas e financeiras mínimas para o empreendimento, sabe-se que o cinema não se constrói apenas à base de lógica, nem sobrevive de ponderações e gestos comedidos. Há sempre algo de aposta (e, conseqüentemente, de risco), de gesto visionário, de cassino. Nas próximas páginas, *Sinopse* dedica sua atenção a essa aposta, analisando a tradição de cinema *teenager* (perigo eminente para o cinema brasileiro) e oferecendo voz a diretores e produtores que decidiram arcar com o desafio de fazer *blockbusters* no subdesenvolvimento.

Alfredo Manevy